

ARGÈNE
LUPIN



MAURICE LEBLANC



**ARSÈNE
LUPIN**

**EA
CONDESSA DE
CAGLIOSTRO**

Tradução
Bruno Anselmi
Matangrano



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
La comtesse de Cagliostro

Diagramação
Linea Editora

Texto
Maurice Leblanc

Design de capa
Ciranda Cultural

Tradução
Bruno Anselmi Matangrano

Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Irina Solatges/shutterstock.com;
nadiia/shutterstock.com;
Vanessa Duque/shutterstock.com;
Nosyrevy/shutterstock.com

Revisão
Tuca Dantas
Nair Hitomi Kayo

Produção editorial
Ciranda Cultural

(Romance de folhetim publicado de 10 de dezembro de 1923 a 30 de janeiro de 1924, no Le Journal, em Paris.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M425a Leblanc, Maurice

Arsène Lupin e a condessa de Cagliostro / Maurice Leblanc ; traduzido por Bruno Anselmi Matangrano. – Jandira, SP : Principis, 2021.
256 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin)

Tradução de: La comtesse de Cagliostro
ISBN: 978-65-5552-544-1

1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Matangrano, Bruno Anselmi.
II. Título. III. Série.

2021-2055

CDD 843

CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2021

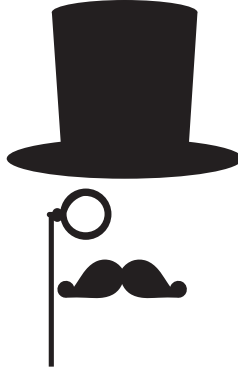
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

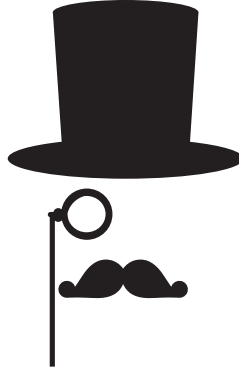
Arsène Lupin aos vinte anos	9
Joséphine Balsamo, nascida em 1788	24
Um tribunal de inquisição.....	37
O barco que segue	53
Um dos sete braços.....	66
Guardas e policiais	79
As delícias de Capoue	95
Duas vontades.....	112
A Rocha Tarpeia	131
A mão mutilada	150
O velho farol.....	166
Demência e genialidade.....	183
O caixa-forte dos monges.....	208
“A criatura infernal”	227
Epílogo	252



Aqui está a primeira aventura de Arsène Lupin, a qual, sem dúvida, teria sido publicada antes das outras, se ele não tivesse se oposto a isso por tantas vezes e tão resolutamente.

– Não – dizia. – Entre a condessa de Cagliostro e eu nada está resolvido. Esperemos.

A espera durou mais do que ele previa. Um quarto de século se passou antes da RESOLUÇÃO DEFINITIVA. E é somente hoje que ele permitiu contar o que foi o aterrador duelo de amor e de ódio que colocou um jovem de vinte anos contra A FILHA DE CAGLIOSTRO.



ARSÈNE LUPIN AOS VINTE ANOS

Depois de ter apagado a lanterna, Raoul d'Andrésy jogou sua bicicleta atrás dos arbustos. Naquele momento, o relógio de Bénouville batia três horas.

Na sombra espessa da noite, Raoul seguiu a estrada rural que levava à propriedade de Haie de Étiques e assim chegou aos muros da fortaleza. Esperou um pouco. Cavalos pateando, rodas ressoando no pavimento de um pátio, um ruído de sininhos, as duas folhas da porta abertas de repente... E uma caminhonete passou. Raoul mal teve tempo de ouvir as vozes de homens e distinguir o canhão de um fuzil. O carro já ganhava a rodovia principal e disparava rumo a Étretat.

– Ora, vamos – disse a si mesmo –, caçar mergulhões é divertido. A rocha onde são abatidos está longe... Enfim, vou saber o que é essa competição de caça improvisada e o que significam todas essas idas e vindas.

Ele ladeou pela esquerda os muros da propriedade, contornou-os e, após a segunda curva, deteve-se no quadragésimo passo. Segurava duas chaves na mão. A primeira abriu uma pequena porta baixa, depois da qual subiu

por uma escada entalhada no vão de uma velha muralha meio demolida, que flanqueava uma das alas do castelo. A segunda revelava uma entrada secreta, no nível do primeiro andar.

Raoul acendeu a lanterna de bolso e, sem muita precaução, pois sabia que apenas o outro lado do castelo era habitado e que Clarisse d'Étignes, única filha do barão, morava no segundo andar, seguiu por um corredor que o conduziu a um vasto gabinete de trabalho: era ali que, algumas semanas antes, ele tinha pedido ao barão a mão de sua filha, e fora ali que tinha sido acolhido por uma explosão de cólera indignada, da qual guardava uma lembrança desagradável.

Um espelho refletiu seu rosto pálido de adolescente, mais pálido do que o normal. No entanto, conduzido pelas emoções, permanecia senhor de si e, friamente, colocou-se ao trabalho.

Não demorou. Durante sua conversa com o barão, notara que seu interlocutor olhava, algumas vezes, para uma grande escrivaninha de mogno cujo tampo não estava fechado. Raoul conhecia todos os lugares onde era possível esconder alguma coisa, como também os mecanismos para fazê-los funcionar como esconderijo. Um minuto depois, descobria, em uma fenda, uma carta escrita em um papel muito fino e enrolada como um cigarro. Nenhuma assinatura, nenhum endereço.

Estudou aquela missiva cujo texto lhe pareceu banal demais para que a escondessem com tanto cuidado, e, pôde, assim, graças a um trabalho minucioso, detendo-se em certas palavras mais significativas e suprimindo algumas frases evidentemente destinadas a preencher os vazios, reconstituir o que segue:

“Encontrei em Ruão os traços de nossa inimiga e mandei colocar nos jornais locais que um camponês dos arredores de Étretat havia desenterado, em seu pasto, um velho candelabro de cobre de sete braços. Ela logo telegrafou para a central de aluguel de automóveis de Étretat, que reservou para o dia doze, às três horas da tarde, um cupê na estação de Fécamp. Na manhã desse dia, a central receberá, por meus cuidados, outro despacho anulando aquele pedido. Será, portanto, o *seu* cupê que ela encontrará na

estação de Fécamp e que a conduzirá sob escolta, para nós, no momento em que formos fazer nossa reunião.

“Poderemos então nos organizar em tribunal e pronunciar contra ela um veredito implacável. Nos tempos em que a grandeza do fim justificava os meios, a punição teria sido imediata. O mal teria sido cortado pela raiz. Escolha a solução que lhe agrada, mas sempre se lembrando dos termos da nossa última conversa, e dizendo a si mesmo que o sucesso de nossos planos e nossa própria existência dependem dessa criatura infernal. Seja prudente. Organize uma competição de caça para desviar as suspeitas. Chegarei pelo Havre exatamente às quatro horas, com dois de nossos amigos. Não destrua esta carta. O senhor deve devolvê-la para mim.”

“O excesso de precaução é um defeito”, pensou Raoul. “Se o correspondente do barão não fosse desconfiado, o barão teria queimado essas linhas, e eu não saberia que há um plano de sequestro, um plano de julgamento ilegal e, inclusive, Deus me perdoe!, um plano de assassinato. Nossa! Meu futuro sogro, por mais devoto que seja, parece-me enredado em maquinações pouco católicas. Cometeria ele até um homicídio? Tudo isso é extremamente grave e bem poderia me deixar em vantagem contra ele.

Raoul esfregou as mãos. O caso lhe agradava e não o surpreendia além da medida, pois alguns detalhes tinham despertado sua atenção havia vários dias. Resolveu então retornar à pousada, dormir lá, depois voltar a tempo de descobrir o que planejavam o barão e seus convidados e qual era aquela “criatura infernal” que desejavam suprimir.

Deixou tudo em ordem novamente, mas, em vez de partir, sentou-se diante de uma mesinha onde havia uma foto de Clarisse. Colocando-a bem à frente, ele a contemplou com profundo carinho. Clarisse d’Étignes, pouco mais jovem que ele...! Dezoito anos! Lábios voluptuosos... Olhos cheios de sonho... Faces rosadas, feições delicadas, cabelos claros como os das meninas que correm nas ruas do País de Caux e um ar tão doce e com tanto charme...!

O olhar de Raoul foi se tornando mais rígido. Um pensamento ruim, que ele não chegava a dominar, o invadia. Clarisse estava sozinha lá em

cima, isolada em seus aposentos, e já por duas vezes, servindo-se das chaves que ela mesma lhe havia confiado, na hora do chá se juntara a ela. Então, o que o retinha naquele momento? Nenhum ruído poderia chegar aos criados. O barão devia retornar lá pelo meio da tarde. Por que ir embora?

Raoul não era um Lovelace¹. Muitos sentimentos de proibição e de delicadeza se opunham, desencadeando instintos e apetites cuja violência excessiva conhecia. Mas como resistir à semelhante tentação? O orgulho, o desejo, o amor, a necessidade imperiosa de conquistar incitavam-no à ação. Sem mais se demorar com vãos escrúpulos, subiu agilmente os degraus da escada.

Diante da porta fechada, hesitou. Se antes já a havia cruzado, fora em pleno dia, como um amigo respeitoso. Mas qual significado tal ato adquiriria àquela hora da noite?

Debate de consciência que durou pouco tempo. Deu leves batidinhas, sussurrando:

– Clarisse... Clarisse... sou eu.

Ao fim de um minuto, não obtendo resposta, ia bater de novo e mais forte, quando então a porta do cômodo foi entreaberta e a jovem apareceu, com uma lamparina na mão.

Raoul notou sua palidez e seu assombro, e isso o transtornou a ponto de recuar, deixando-o prestes a partir.

– Não fique brava comigo, Clarisse... Vim contra minha própria vontade... Basta que diga uma palavra e vou-me embora...

Clarisse teria ouvido essas palavras se não tivesse se retirado. Teria facilmente dominado um adversário que aceitava a derrota de antemão.

¹ O nome Lovelace pode referir-se a vários membros de uma antiga família inglesa, que detinham o título de barões de Lovelace entre meados de 1530 e 1740. Em 1838, passaram a condes, com a nomeação de William King-Noel (1805-1893), primeiro conde de Lovelace, hoje mais conhecido por ter sido o marido de Ada Lovelace (1815-1852), a matemática que criou o primeiro algoritmo para ser processado por uma máquina, sendo a primeira programadora da história. Foi a única filha legítima de Lorde Byron (1788-1824). No caso, a referência provavelmente menciona o fato de que Raoul não era um nobre inglês do século XIX condicionado a seguir rigorosos costumes e normas de etiqueta e que, portanto, poderia se permitir uma visita à Clarisse, por mais inapropriado que pudesse parecer. (N.T.)

Mas não podia nem escutar nem ver. Queria se indignar, mas só conseguia balbuciar reprovações indistintas. Queria expulsá-lo, mas seu braço não tinha força para fazer um único gesto. Sua mão tremia e precisou apoiar a lamparina. Girou em si mesma e caiu, desmaiada...

Eles se amavam fazia três meses, desde o dia em que se encontraram no Midi, onde Clarisse passava algum tempo na casa de uma amiga de pensionato.

De imediato, sentiram-se unidos por um vínculo que foi, para ele, a coisa mais formidável do mundo; para ela, o sinal de uma escravidão que prezaria cada vez mais. Desde o começo, Raoul lhe pareceu um ser intangível, misterioso, sobre quem nunca compreenderia nada. Ele a desolava por certos acessos de leviandade, de ironia maldosa e de humor preocupado. Mas, ao lado disso, que sedução! Que alegria! Que sobressaltos de entusiasmo e de exaltação juvenil! Todos os seus defeitos adquiriam a aparência de qualidades excessivas, e seus vícios tinham ar de virtudes ignoradas que ainda iriam florescer.

Desde seu retorno à Normandia, ela teve a surpresa de perceber, uma manhã, a fina silhueta do jovem, empoleirado no muro, diante de suas janelas. Ele escolhera uma hospedaria a alguns quilômetros de distância e, assim, quase todo dia vinha em sua bicicleta encontrá-la nos arredores da Haie d'Étignes.

Órfã de mãe, Clarisse não era feliz junto de seu pai, homem duro, de caráter sombrio, excessivamente devoto, obcecado por seu título, avarento, cujos arrendatários o temiam como se fosse um inimigo. Quando Raoul, que nem sequer lhe tinha sido apresentado, teve a audácia de pedir a mão de sua filha, o barão reagiu com tal fúria contra aquele pretendente imberbe, sem eira nem beira, que o teria açoitado se o rapaz não o tivesse enfrentando com ar de domador que controla um animal feroz.

Foi na sequência daquela conversa, e para apagar aquela lembrança na mente de Raoul, que Clarisse cometeu o erro de lhe abrir, por duas vezes,

a porta de seus aposentos. Imprudência perigosa da qual Raoul se valera com toda a lógica de um apaixonado.

Naquela manhã, simulando uma indisposição, pediu que lhe levassem o almoço enquanto Raoul se escondia em um cômodo vizinho, e, após a refeição, ficaram por muito tempo abraçados diante da janela aberta, unidos pela lembrança de seus beijos e por tudo o que havia entre eles de carinho e, apesar do erro cometido, de ingenuidade.

No entanto, Clarisse chorava...

As horas corriam. Um sopro fresco que subia do mar e avançava sobre o platô acariciava o rosto dos jovens enamorados. Diante deles, para além de um grande pomar fechado por muros, e em meio aos campos bem ensolarados de colza, uma depressão lhes permitia ver, à direita, a linha branca das altas falésias até Fécamp; e, à esquerda, a baía de Étretat, a porta de Aval e a ponta da enorme Agulha.

Raoul lhe disse docemente:

– Não fique triste, minha querida amada. A vida é tão bela na nossa idade, e ela o será ainda mais para nós quando tivermos abolido todos os obstáculos. Não chore.

Clarisse secou suas lágrimas e tentou sorrir, observando-o. Raoul era esguio como ela, mas largo de ombros, ao mesmo tempo elegante e de aspecto sólido. Seu rosto enérgico oferecia uma boca maliciosa e olhos que brilhavam de alegria. Vestido com calças curtas e uma jaqueta que se abria sobre uma camiseta de lã branca, parecia incrivelmente ágil.

– Raoul, Raoul – disse ela com pesar –, neste exato momento em que está me olhando, não está pensando em mim! Não está pensando em mim depois do que acaba de se passar entre nós! Será possível? Em que está pensando, meu Raoul?

Ele respondeu, rindo:

– No seu pai.

– No meu pai?

– Sim, no barão D'Étignes e em seus convidados. Como senhores da idade deles podem perder seu tempo massacrando pobres pássaros inocentes em um rochedo?

– É a diversão deles.

– A senhorita tem certeza disso? Particularmente, estou bastante intrigado. Veja, se não estivéssemos no ano do Nosso Senhor de 1894, eu antes acreditaria que... A senhoria não vai se ofender?

– Diga, meu querido.

– Pois bem, parecem estar brincando de conspiradores! Sim, é como eu lhe digo, Clarisse... O marquês de Rolleville, Mathieu de la Vaupalière, o conde Oscar de Bennetot, Roux d'Estiers, etc. Todos esses nobres senhores do País de Caux estão no meio de uma conspiração.

Ela lhe fez beicinho.

– Está dizendo bobagens, meu querido.

– Mas a senhorita está me escutando tão lindamente – respondeu Raoul, convencido de que ela não estava sabendo de nada. – A senhorita tem uma maneira tão graciosa de esperar que eu lhe diga coisas sérias...!

– Coisas de amor, Raoul.

Ele segura o rosto dela ardentemente.

– Toda a minha vida é só meu amor por você, minha amada. Se tenho outras preocupações e outras ambições, é para conquistá-la. Clarisse, suponha isto: seu pai, conspirador, é preso e condenado à morte, e, de repente, *eu* o salvo. Depois disso, como ele não me daria a mão de sua filha?

– Ele acabará por ceder mais dia, menos dia, meu querido.

– Nunca! Não tenho nenhuma fortuna... Nenhum amparo...

– O senhor tem seu sobrenome... Raoul d'Andrésy.

– Nem isso!

– Como assim?

– D'Andrésy era o sobrenome da minha mãe, que ela retomou quando ficou viúva, por ordem de sua família, que tinha se indignado com o casamento dela.

– Por quê? – perguntou Clarisse, um pouco aturdida por aquelas confissões inesperadas.

– Por quê? Porque meu pai não era nada além de um plebeu, pobre como Jó... Um simples professor... E professor de quê? De ginástica, de esgrima e de boxe!